



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 9 de Julho de 1994 • Ano LI - N.º 1313 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Dos caboucos nasce a nova Casa do Galato de Moçambique

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Miséria habitacional

O pároco da freguesia veio com o presidente e secretário da Conferência Vicentina falar connosco. Vieram de longe apresentar muitas aflições que os torturam. Na sua região e na sua freguesia há muita miséria habitacional. Casais com muitos filhos a viver em currais abandonados. Outros, em barracões que já serviram. Ainda outros, em famílias amontoadas. Pais e filhos num só

compartimento. Ruínas de casas a servirem de habitação.

Mas a maior preocupação que agora traziam era a situação aflitiva em que se encontra uma mulher abandonada pelo marido com cinco filhos menores. O homem ausentou-se para o estrangeiro e juntou-se a outra mulher de quem já tem um filho. Quando, no Verão, vem passar um mês de férias, escraviza a esposa que tem de recorrer ao

Continua na página 2

ECOS D'ÁFRICA

Riqueza de partilha

O CUPADO que tenho andado com os ecos que a viagem a África despertou em mim, há muito não dava voz àqueles que ressoam da alma dos nossos leitores, tão sensíveis às notícias de lá e tão prontos em reacções admiráveis de delicadeza e de generosidade.

Agora, ao ter visto com os meus olhos o mundo que cerca

as nossas Casas e de como pelo poder de Deus elas são focos irradiantes da Sua bondade, mais pequeno me sinto, e deslumbrado, com esta riqueza de partilha, que, sem ter sido expressamente apelada, tem permitido às nossas comunidades de Angola e Moçambique todo o bem de que a nossa limitação humana é capaz. Se mais não foi feito, não é por falta de quê, é por falta de quem. Esta primaridade do quem sobre o quê é uma ideia antiga, que a experiência cada vez mais fixa. Haja quem vá em nome do Senhor para instaurar o Seu Reino de Justiça, Amor e Paz — e uns seixozitos redondos bastarão, como a David, para vencer todos os Golias que se levantarem contra.

É verdade que vamos dirigindo para lá muitos dons expressivos e inesperados que nos chegam, mesmo sem este endereço expresso. Mas são inúmeras (e nem delas pretendemos aqui dar conta!) — referências como esta:

«Destinar o seu fim seria da minha parte uma atitude precipitada; mas, podendo ser, se fosse canalizado para a África Lusófona, gostaria! Deixo nas vossas mãos esta pequena renúncia quaresmal».

E já que falámos em renúncia quaresmal, aqui temos esta da Comunidade Portuguesa de S. Francisco Xavier, em Paris, que sómou 425.292\$00. E mais esta da Missão Católica Portuguesa de Stuttgart, em que participaram com muito relevo as crianças da Primeira Comunhão e da Profissão de Fé, no valor de 1.010 marcos, que «já se encontram à V. disposição, com a esperança de que o Banco Português não cobre sobretaxa».

Continua na página 3

CENTRO HOSPITALAR DO VALE DO SOUSA

O novo Hospital tem o nome de Padre Américo

O CORREU no dia de S. João o centenário do Hospital de Penafiel, até há poucos anos administrado pela Santa Casa da Misericórdia desta cidade em nobre edifício que é seu património.

A efeméride foi celebrada estes dias e culminou na sessão, tão séria e solene no conteúdo quão informal e familiar na sua realização, terminada na Capela em Missa de graças pelo passado e de preces para o futuro.

Acontece que, pela proximidade das duas sedes de Concelho e na procura de uma gestão mais racional, os Hospitais de Penafiel e de Paredes constituem desde alguns anos um Centro Hospitalar cuja experiência deu certo e se revelou de institucionalizar em novo Hospital que fará cobertura mais eficiente da região do Vale do Sousa e aliviará muito os sobrecarregados Hospitais do Porto.

Foi na génese deste projecto, defendido e teimado fraternalmente por médicos e Autoridades de Saúde dos dois conce-

lhos, que surgiu a ideia de dar ao novo Hospital o nome de Padre Américo. E há perto de um ano a ideia foi consumada em despacho do Secretário de Estado da Saúde.

Um despacho de teor tão extraordinário ao estilo habitual do Diário da República

É o texto deste despacho, de teor tão extraordinário ao estilo habitual do Diário da República, que vamos dar à estampa, sublinhando por nossa conta a intenção humanizante subjacente no espírito dos que escolheram o nome de Pai Américo, para que ela se cumpra no corpo e na vida do novo Hospital e o torne verdadeiramente um Hospital novo.

Despacho — «Padre Américo (Pai Américo, como ficou para sempre lembrado Américo Monteiro de Aguiar), nascido em 23-10-1887, na freguesia de Galegos, do concelho de Penafiel, dotado de forte vocação humanista e humanitária, só em 28-7-29 viria a ser ordenado

Continua na página 3



Ele trabalha numa fábrica. A mulher cuida de quatro filhos, dois dos quais já frequentam a escola. Construíram esta habitação, apenas com duas divisões, e precisam de mais dois quartos e casa de banho. Deixámos a nossa ajuda e despedimo-nos com a alegria de todos eles.

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Surgem, a todo o momento, aflições!

Aquele homem, com o braço inutilizado, não vê quem, de direito, lhe ajuda. São leis e regulamentos que protelam estes casos...! Por isso — além do mais que não é pouco... — temos que pagar a renda da casa desta família.

Alerta um vicentino: «A família F passa mal. Há que prestar auxílio». O homem é deficiente. Pensionista. Requeru a pensão antecipada, na repartição oficial que servia... Mal dá para a alimentação, quanto mais para o resto.

Agora, vem lá um pobre alcoólico que dera mais preocupações noutra tempo: «Vejam se me podem dar alguma coisa para estes rumédios...» Ótima ocasião para o motivar a ser mais comedido — nos copos.

Vale a pena citar um excerto da homilia dum Bispo da Igreja, em serviço pastoral, centrada no Mandamento Novo:

«Tive a oportunidade de estar com os vossos doentes, alguns também pobres, alguns também idosos e muitos isolados — na solidão. O cristão não pode deixar para trás aqueles nossos irmãos que já não podem celebrar a Fé conosco. Peço-vos, sempre que celebrais a Fé, que leveis para casa uma palavra de muita estima, de muita consolidação e de muita ajuda espiritual aos vossos idosos, aos vossos acamados, aos vossos doentes. Que vos preocupeis ou continueis a preocupar com os mais pobres da sociedade, aqueles que ainda não têm casa condigna, aqueles que não conseguem emprego remunerado, aqueles que não tenham capacidade suficiente para alimentar as suas famílias, ou para colocar os seus filhos na sociedade de hoje, com escolaridade indispensável. Temos de pensar nos que caíram na marginalidade, naqueles que a sociedade segregou ou que eles próprios se segregaram da sociedade.»

PARTILHA — Assinante 8451, de Vila Nova de Gaia, com doze mil. Cinco, de Santa Cruz do Douro (Baião). Vancouver (Canadá): «Mais uma vez remeto pequena oferta para ser entregue a quem mais precisar. Peço uma oração pelas minhas intenções.»

Pompília, de Setúbal, manda «um cheque para os Pobres — que não são poucos. Deus queira que todas as migalhas que recebem dêem um pouco para todos. Bem haja.»

Assinante 57002, do Porto: «Embora um pouco atrasada, envio esta pequena oferta (15.000\$00) para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que distribuirão como melhor entenderem. (...) Estou grata por poder ajudar os nossos irmãos necessitados.»

O costume, do casal-assinante 11902, do Fundão — com muita perseverança.

Mais perseverança, da assinante 31104, de Lisboa: «Nem sempre se pode fazer o bem que se deseja, na altura própria. Foi o que aconteceu comigo, este mês, porque passei um período agudo da minha doença. Não esqueci os que sofrem. Remeto um cheque para ser distribuído, como indico, pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Continuo a subir o meu calvário e, por isso, peço que

Pelas CASAS DO GAIATO

rezem por mim para ter a coragem necessária para suportar a minha cruz. Tenho a convicção de que a melhor oração é repartir o que temos pelos Outros. Jesus disse: — O que fizerdes de bem ao vosso Próximo é como se a Mim o fizésseis.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

EXCURSÃO — Em 19 de Junho recebemos uma, de Valbom (Gondomar), como é habitual todos os anos. Chegamos cedo e partem tarde, passando o dia com a malta da Casa.

Na parte da manhã, muito trabalho: prepararam as mesas, ao lado do bar, para as pessoas poderem almoçar e todos juntos merendarmos.

Na parte de tarde, unimo-nos ao lado do bar aonde pudemos apreciar boa música e algumas piadas.

Ao meio da tarde ninguém resistiu. Foi a merenda. Um dia bem passado!

FUGITIVOS — Na edição anterior tinha comunicado o regresso do João de Setúbal. Pois já se pôs, novamente, a milhas de distância! Não sabemos se regressará porque fugindo é sinal de que não está bem. Quem está mal que se mude.

Antes deste, já tinham fugido o «E.T.» e o Renato.

OFERTAS — A Segafredo ofereceu uma grande quantidade de sumos (chá), servidos durante as refeições. Também yogurtes da Longa Vida. Agradecemos tudo.

CARAS NOVAS — Recebemos mais um rapaz. O Fabiano, irmão do «Ruca» e do Igor; tem cinco anos e agora pertence ao grupo dos «Baiatinhas» chefiado pelo Joca.

AGRICULTURA — Começamos a comer salada. Os legumes são colhidos na horta, normalmente.

O milho foi semeado. Agora, esperamos o seu crescimento.

SERRALHARIA — Os serralheiros estão a fazer bancos e mesas para a nossa casa da praia. São bem precisos. Os que estavam lá, eram muito antigos; tanto as mesas como os bancos. Também prepararam uma remessa para a Casa do Gaiato de Malanje.

FRUTA — As árvores estão carregadas! As ameixas, a amadurecer. As maçãs e peras também a crescer. Gostamos da nossa fruta.

PISCINA — O grupo da lenha, chefiado pelo Neca, Quim-Zé e «Pomba» limparam

a piscina, por dentro e por fora. Está quase tudo pronto. Só faltam uns pequenos retoques nos jardins. Em volta da piscina, na parte de dentro colocaram uns tubos de alumínio, para garantir maior segurança interior. Bom trabalho. A piscina começou a funcionar em 25 de Junho, sábado.

«Vitinho»

FÉRIAS — A rapaziada só pensa nelas, após um ano escolar com alguns problemas... Uns passam, outros não.

Muitos já falam na praia e fazem planos para quando lá chegarem.

As férias são descanso para todos os homens! Nós, cá em Casa, gozamo-las muito bem. Vamos para a praia de Azurara (Vila do Conde).

Há dias, dei lá um salto. Observei as obras exteriores da nossa casa. Está tudo bonito. Não vi as interiores porque não se encontrava ninguém e as portas estavam fechadas.

Dias depois, os troilhas, carpinteiros e serralheiros foram dar os últimos retoques.

FUTEBOL — Em 19 de Junho, recebemos a equipa de infantis do Bairro do Falcão (Campanhã)

Os nossos miúdos ficaram contentes por terem vindo, porque defrontaram a equipa onde o João Vieira Pinto (jogador do Sport Lisboa e Benfica) jogou; e também porque a maior parte da malta é simpaticante do clube das Águias. Bem, isso não vem propriamente ao caso.

No início do jogo, as duas equipas bateram-se com grande entusiasmo e o jogo continuou empolgante até ao fim. Resultado: 7-5 a nosso favor.

Mais uma vez os nossos infantis seguem o caminho dos seniores, construindo vitórias.

É de referir que a equipa do Bairro do Falcão deu a cada um dos nossos atletas uma revista do seu historial. Agradecemos. Foi uma grande honra tê-los cá.

Repórter X

TOJAL

ESCOLAS — Acabaram as aulas do Ciclo Preparatório e da Escola Primária e começam a seguir grupos para a nossa nova casa de praia situada em Sintra. Esperemos que gozem bem as férias para depois regressarem ao trabalho contínuo.

FÉRIAS — Os nossos rapazes falam e pensam agora mais nas férias. Quando irão, se em Julho ou Agosto. Mas quando vêm os grupos da praia já não pensam. Sonham para o ano terem outras férias assim.

FUTEBOL — Será praticado até na praia pelos nossos

rapazes. Sendo o desporto mais apreciado pela malta, não podemos cortar a tradição e excluir o futebol como um desporto qualquer que aparece e vai embora. Sendo o rei dos desportos tratemo-lo com dignidade e respeito.

PISCINA — Está mais funcional do que nunca! Se Deus quiser, não haverá mais obras nem arranjos. Mas temos que ter cuidado. Não convém ficarmos muito tempo dentro da água. Poderemos apanhar alguma cãibra ou algum esticão nos músculos e ficarmos aleijados.

BAPTIZADOS E PRIMEIRA COMUNHÃO — No domingo passado (26-6-94) houve em nossa Casa dois Baptizados e para alguns a Primeira Comunhão. É bom porque assim teremos mais rapazes a entrar para a vida espiritual. Depois da celebração, um grande almoço — com abundância de comida. Esperemos que haja muitos dias iguais a este para os muito pobres, do nosso País, sem esquecer os doentes e as crianças abandonadas pelos pais.

JARDINS — Estão encantadores para as diversas pessoas que visitam a nossa Casa. É preciso mantê-los em ordem, arrancar as ervas daninhas, e, sobretudo, regá-los pois estamos na estação do ano mais quente. As suas diversas cores exprimem muitas coisas. Uma delas é o amor que os rapazes têm pelas flores. De contrário, não estariam tão encantadoras...

BATATA E FAVA — É o tempo da apanha. Só falta organizar os grupos para a colheita da batata e da fava. Será um trabalho muito árduo, pesado, cansativo. Esperamos que tudo corra bem e ninguém se magoe.

Joaquim M. F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há dias, descíamos a Rua Rocha Soares para a visita do costume, aos nossos Pobres. Conversámos sobre o quanto se tem dito e escrito acerca da eliminação das barracas. Isto, porque nos preocupamos com as condições em que vive a maior parte dos nossos Pobres. À nossa frente, um ou outro turista de máquina fotográfica na mão para tirar algumas fotos. Reparámos o quanto ficavam admirados quando viam sair pessoas daquelas casas completamente em ruínas.

Continuámos o nosso caminho, entrando numa casa onde as escadas, já podres, rangem por todo o lado. Os corrimões, também. Lá nos iam segurando, vindo por vezes

agarrados às mãos. Encontrámos a nossa amiga no seu quarto, o terceiro de uma sala, dividida para separar o casal dos sete filhos e filhas. Ela, agora viúva, leva o barco a bom porto, mas sabe Deus com que dificuldade. Nós também fazemos o que é possível. As divisões são de madeira velha, e forrada, aqui e ali, com cartões. Têm outra sala que faz de cozinha e sala de jantar. Por casa de banho, um cubículo com uma sanita. Banho não há.

Descendo a mesma rua, entrámos no número quarenta. Aqui, então, a nossa atenção é redobrada, pois o estado das escadas e do corrimão são piores. Disseram que várias pessoas têm caído por lá. A casa é composta por um terraço que serve de cozinha e sala de jantar. Um escadote muito tosco dá acesso a outro piso, para daí subir por outro escadote, também tosco, que dá para um quarto onde dormem os três — pai, mãe e filha de 9 anos. Não há retrete nem banho nem água canalizada.

Depois de termos conversado um pouco, deixámos a nossa ajuda e continuámos a descer a Rua Rocha Soares. Entrámos num casarão enorme, já velho, que alberga não sei quantas famílias, cujo estado não oferece segurança. Esta nossa amiguinha vive numa sala dividida por eles para sala de jantar e três quartos, mas tudo em dimensões reduzidas. A cozinha, que fomos nós a ajudar a fazer, é no corredor e fora da tal sala. Casa de banho não há e a retrete, comum, fica no rés-do-chão do prédio. Também não há água da companhia.

Esta família foi, há tempos, visitada por alguém que disse ser da Câmara do Porto, que andava a saber das condições em que vive esta gente, tendo o descaramento de afirmar que estavam muito bem. Comparados a outros, viviam num palácio! Que será então uma barraca? Serão só aquelas que estão a ocupar os terrenos dos grandes senhores, que querem construir os seus palacetes e não podem? Então estes que moram nestas barracas escondidas, não têm direito a uma moradia decente? Ou será porque estando escondidas já não há problemas?... Por que será que os senhores presidentes das Câmaras só vêm para as ruas quando precisam dos votos dos Pobres? Porque não descem dos seus pedestais, vindo eles mesmos ver a miséria que estes palacetes antigos encobrem?

Temos ainda presente a alegria daqueles nossos amigos que estavam num casarão antigo, quando foram habitar uma casinha decente dos bairros camarários! Outros, que com a ajuda dos nossos leitores ocuparam uma casa restaurada! As lágrimas de alegria que presenciámos rolavam nos seus olhos!...

Fazemos votos que este assinar de protocolos, as palestras e discursos não fiquem em águas de bacalhau e os papéis

não acabem por se perder nas gavetas dos gabinetes.

E, ainda, que o tal projecto abranja as barracas escondidas, que escondem muitas famílias, e sabe Deus como têm vivido e vivem — em péssimas condições humanas.

Waldemar e Olga

E... sê feliz

Bem-vindo à luz
Do meu primeiro sol!
Bem-vindo ao meu dia!
Não precisas de passaporte
Para entrares na minha vida
De inocência e fantasia.
Sê feliz!

No cume das árvores
Cantam as aves
E dança o vento!
Transmitem-me a mensagem
Da harmonia e do alento!

Os jardins floridos,
Os campos perfumados,
Os montes coloridos,
O rio manso
Fazem-me lembrar
A minha meninice
De brincadeiras e de risos!

Bem-vindo à minha noite
De magia lua-cheia!
Bem-vindo ao meu coração!
Não precisas de autorização
Nem de comprar bilhete
Para entrares nos meus sonhos.
Sê feliz!

Manuel Amândio

Património dos Pobres

Continuação da página 1

hospital. Ela não tem casa e vivem todos na da sogra. Não tem para onde fugir. Vive angustiada e cheia de medo.

A Conferência tentou uma solução urgente, mas sem bom resultado. Tem procurado o empréstimo de habitações desabitadas. Tem procurado casas de renda económica.

A solução que prevêm é a construção de casa nova. Mas estão sem dinheiro e sem materiais. Tem terreno livre e querem começar.

Passei-lhes um cheque de quinhentos contos. Vão pedir alguns materiais à Câmara. Vão incomodar os paroquianos que são religiosos.

Partiram sorridentes e com a promessa de não parar. A situação dramática desta família incomoda-os a sério. Querem ajudar aquela mãe a não fazer nenhum disparate. Vão incutir-lhe esperança.

Fiquei com a inquietação junta com outras. Há muitas mulheres-mães sem casa e abandonadas pelos maridos que as trocam por outras. Há muitos casais carregados de filhos sem ter onde os abrigar.

Ainda ontem estive em nossa casa um casal que espera esta semana o quinto filho para o amontoar com os outros. Ajudámo-los a aumentar a casa, mas têm de avançar muito devagar. Compensa-os o amor e a confiança.

Quereria que estas aflições fossem sentidas por todos os leitores. Custa-me muito as festas vistosas nas igrejas e na rua e casais e mães abandonadas sem terem um tecto humano para habitar.

Padre Horácio

ECOS D'ÁFRICA

Continuação da página 1

Frequente presença de sacerdotes

A presença de sacerdotes tem sido frequente e consoladora. Há um que lhe ganhou o gosto e nada o trava. Mais este:

«Pel'O GAIATO sei das carências com que em Angola e Moçambique lutam. Assim, venho remeter um cheque de mil contos, metade para Angola e metade para Moçambique, ou como melhor entenderem.»

Quanta confiança e delicadeza neste «como melhor entenderem» que acompanha tantas mensagens recebidas!

Depósitos directos em nossa conta bancária, comunicados pelo talão anónimo e legendado: «Para as vossas Casas de África».

Muitos enviam assim, a distribuir por todas. Outros indicam a sua predileção: para Malanje..., para Benguela..., para Moçambique. Estes são, em regra, os que viveram por lá largos anos das suas vidas e deixaram nessas terras algo de si mesmos. Por isso «puxam a brasa para a sua sardinha»!

Assim um velho Amigo vicentino que conhecemos em Luanda; um engenheiro que envia «este pequeno donativo com prioridade, se possível, para a vossa Casa de Malanje»; um Chefe de Serviços de uma Escola Secundária, que recomenda a Casa de Moçambique.

Um Pai que quase todos os meses remete, de cada vez em nome de um dos filhos e quando dá a volta torna a tornar, lembra sempre as Casas de África.

«Votos de paz na África que foi portuguesa e onde a vossa (nossa!) Obra tão heróicamente se está empenhando» — acompanhavam cheque de médico amigo e de sua esposa.

Maria do Céu e «uma pequena ajuda para a Obra que estão de novo a implantar nas terras africanas onde se fala português. Deus está convosco!» Está, pois! Que faríamos lá se não estivesse?!

Mais cem, da Alice, de Gaia, «para as Casas de África onde mais precisam».

De Moura:

«Por favor, faça chegar, em dinheiro ou géneros, às vossas Casas de África, principalmente, de Angola, o conteúdo do cheque.

Acabo de ler O GAIATO que hoje chegou... E não preciso de dar mais explicações.

Se se lembrar, tenha-me presente na sua oração. Preciso muito. Atraveso uma hora difícil.»

Do Porto:

«Encaminhem o cheque para um dos vossos Padres que, em Angola ou Moçambique lutam pela dignificação dos nossos irmãos em

Cristo, vítimas da guerra e do cortejo de outras injustiças que sempre a acompanham.»

Portugueses a remir traições de portugueses! Mais a Lígia de todos os meses. E mais e mais e mais...

Olhos e coração sempre abertos ao Outro

Mas só mais esta carta linda (parte dela!) com que termino, sem tirar nem pôr ao que nela é dito com a fé e a sabedoria de quem chegou ao «pôr-do-sol da vida» de olhos e coração sempre abertos ao Outro:

«Oxalá a sua ida a África fosse bem sucedida e lhe tenha trazido boas perspectivas de futuro. O ambiente está por lá muito sombrio. E quem dera fosse só por lá! Mas infelizmente é por todo o planeta. Se falamos em África é porque nos fala mais à alma. Vivi lá quase dezasseis anos. Convivimos todos irmãmente, uns mais ricos, outros mais pobres, mas nenhum faminto, que eu soubesse. Deixei lá uma casa no bairro da COOP. Ainda se ela estivesse a render a favor dos necessitados... Mas boa, ampla e bem situada como estava, deve estar a servir os mais favorecidos. Graças a Deus tenho tido sempre onde viver e não deixei de ter dó dos inocentes que não têm culpas das ambi-

ções dos maiores, mas são suas vítimas.

É por isso que venho, ou antes, vim dar uma ajudinha a Angola e Moçambique através das suas Casas do Gaiato. Prefiro enviar através da Obra da Rua do que por qualquer outro meio.

Estamos, eu e meu marido, no pôr-do-sol da vida. Precisamos, sentimos mesmo essa necessidade, de repartir o que nos parece estar a mais, com aqueles que nem o preciso têm. Consola-nos que o que repartimos é limpo, fruto duma vida de trabalho modesto, mas sem ambições e muito bem governada. Só as doenças (e tantas elas são) nos preocupam, senão melhor seria para todos. Mas elas têm-nos amadurecido muito e levam-nos a uma concentração mais profunda sobre as coisas e os desígnios de Deus. Graças a Ele não temos desesperado e procuramos conformação sem cair em apatia. Ainda sabemos rir e agir.

Bendito seja Deus.

Eu não me esqueci de si quando da sua viagem a África nas minhas conversas íntimas com Deus, conforme me pedia no cartãozinho que acompanhava o recibo do que enviámos pelo Natal. Agora somos nós a pedir que rogue ao Senhor que não nos desampare nos últimos tempos da nossa vida. Só o temos a Ele e à nossa dedicada Fernanda.»

Padre Carlos

Festa familiar

Um casamento na Casa do Gaiato. Estou a recordar o último. É sempre motivo de ansiedade de todos. Como vai ele vestido. Como vai estar a Capela. Como vamos de alindar a casa. Como enfeitar a sala. O que vai ser o almoço.

O último concentrou todas as atenções. O noivo esteve connosco dezasseis anos. Veio do Ninho dos Pequenitos. O pai tinha falecido e a mãe estava internada. Foi estudante. Bom vendedor d'O GAIATO. Chefe-maioral.

Hoje é empregado na tipografia da vila. Ela trabalha no escritório de fábrica vizinha. Vivem perto de nós, em casa alugada. Sonham em construir casa própria. Já pediram terreno.

Foi um namoro de alguns

VISTAS DE DENTRO

anos. Sempre se conheceram. Nunca tiveram outro namoro. Sempre se amaram. Ontem, quando nos abordaram, vinham felizes. De mãos muito apertadas, sinal de corações unidos.

A nossa atenção centrou-se mais na Capela. Capela e sacristia cheinhas de pessoas. Valeu o recado, à porta, aos novos que estavam: «Quem não participar nas cerimónias do casamento também não deve tomar parte na boda».

Infelizmente há muitos casamentos em que os convidados não entram a participar das cerimónias. É pena que, sobretudo a nossa juventude, não tome o acto

a sério. Daí o nosso recado.

Os cânticos foram preparados e ensaiados na véspera. No próprio dia, antes da celebração, houve ensaio já na Capela. Foi uma celebração bem participada. Todos cantaram e rezaram. Os noivos, que religiosamente se tinham preparado no curso próprio, fizeram as leituras da Palavra de Deus e a oração

dos fiéis. Todos, na altura, nos demos o abraço ou o beijo da paz.

Depois, as fotografias. Um nunca acabar de máquinas a disparar!

O grande salão, onde serviram a boda, recebeu-nos todo enfeitado por plantas e mesas revestidas de branco, bem recheadas de coisas boas. Todos, sobretudo os pequenitos, mostraram que tinham o estômago vazio e depois bem atulhado.

A festa durou até ao fim do dia — bem estampada na cara de cada um.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

A nossa ameixeira continua a dar lições e frutos!

Foi semente... Depois desabrochou e apareceu à vista de todos. Preciso de ser estacada para crescer direitinha... Deu os primeiros rebentos, e enquanto crescia para cima ia-se abrindo para os lados. Vestiu-se de novas cores, e, quando o sol andava alto, deu o primeiro fruto. Depois, muitos outros frutos, coloridos e apetitosos, ali, expostos ao olhar de quem passa, provocando um diálogo silencioso...

É uma das nossas ameixeiras. Quando por ela passo, não fico alheio à sua presença. Admiro-a e sempre lhe agradeço pela sua existência. Dia a dia vou-me apercebendo, pelo olhar, da qualidade dos seus frutos. Esta ameixeira é uma bênção para mim... e para os rapazes.

Como ela cresceu direita, alto e largo. É certo que já lhe cortaram alguns ramos, de velhos. Mas continua carregadinha de fruto... Até na velhice permanecem cheios de vida e de vigor, procla-

mava o «Barata» no dia da sua primeira Comunhão quando lia o Salmo Responsorial na Eucaristia...

Dizia-me o Fernando, que quando gaiato pequeno, levava uma repreensão de Pai Américo por ter atirado com um pau à cicerone do nosso pensamento. Ela foi motivo de crescimento para o Fernando, e continua para nós...

Ontem foi o Ricardo — a mesma arma e o mesmo gesto, não se desculpando que era para atirar a um pássaro, como fez o Fernando, mas dizendo aberta e claramente que era para tirar ameixas! — Mas, tens muita fome meu menino? Não, é que o «Spock», rapaz um pedaço mais crescido, fizera o mesmo e ninguém o repreendera... Mas o Ricardo tinha lágrimas nos olhos, tinham-lhe batido. É a justiça destes homens que cá temos! O grande pode fazer asneiras que só provoca o riso dos outros, o pequeno também provoca risos por causa do seu próprio choro...

A nossa ameixeira continua a dar lições e frutos que são motivo para crescermos...

Deixemos a agitação dos rapazes e regressemos à paz que a ameixeira nos transmite... Fica connosco mais uns anos, ó árvore boa e bonita. Falas-nos de um passado grandioso e contigo queres elevar este presente. Os rapazes já te vão respeitando, respeitando-se. À tua volta há muitas outras árvores de fruto, não tantas quantos os rapazes... Como era bom que vós fosseis mais que nós, que nos enchesseis a Casa de frutos são e saborosos, nas prateleiras da despensa a abarrotar do perfume que enche a alma...

Quem sabe, um dia...

Padre Júlio

Centro Hospitalar do Vale do Sousa

Continuação da página 1

sacerdote na concretização de forte vocação que cedo despontara, iniciando desde logo, com 41 anos, uma obra de inextinguível valor social tendo como destinatários os fragilizados pela doença, pela miséria ou por meros circunstancialismos da vida.

As obras que a sua ânsia, diria mesmo a sua necessidade intrínseca e vital de minorar o sofrimento humano, fez criar, não se limitaram apenas a aspectos parcelares da complexidade da doença. Nas obras do Padre Américo, tendo sempre como denominador comum o homem, está presente e vive-se o humanismo no acolhimento, a integração do recém-chegado, a partilha do ter e do dever, a reabilitação do ser, preocupações que devem estar na primeira linha dos objectivos e preocupações de quem presta cuidados de saúde.

Da extensão nacional da Obra da Rua ressaltam, em particular, pelo seu valor emblemático, as localizadas na região do Vale do Sousa, nomeadamente a Casa Mãe — Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, Penafiel, e o Calvário, em Beire, Paredes, este destinado a doentes incuráveis e abandonados.

Pelo valor da sua personalidade, pelo exemplo vivo dos mais altos valores morais e humanos, associar o seu nome a um hospital na sua região natal irá de encontro ao sentir, não só desta região, mas quicá do próprio País e, mais do que a homenagem necessariamente modesta ao Padre Américo, permitir-nos-á tê-lo connosco como referencial do valor e do respeito que a essência humana merece.



Serafim Eduardo e Isabel Cristina casaram em Miranda do Corvo

DOCTRINA



Ninguém busque
o seu próprio bem

OS hóspedes de honra da semana, na Casa do Gaiato, foram dois Pacheco de Amorim, um Ferrand, o Elísio Rainha e o De Rosa Carvalhal. Aquele de é a glória do rapaz, de que ele faz grossa questão.

IGUALMENTE estiveram, com menos honra e mais proveito, alguns dos inúmeros garotos das Colónias de Campo a passar férias do Natal. O grande entusiasmo dos miúdos era o quebrar de gelo, ávidamente procurado em todos os lugares das vizinhanças. Houve também um longo passeio à vila da Lousã, onde os gaiatos são muito conhecidos e têm grande amigos. O «Pató» ficou a chorar por não ir, pois se a Lousã é a sua terra! Parece crueldade da minha parte o ter-lhe negado licença, mas é interesse pela sorte do rapaz. A juventude da Casa foi um número da comitiva e muito teria ela que contar aqui, se soubesse escrever!... Todos os garotos cumpriram suas obrigações domésticas com brio e prontidão. O «Veneno» era do leite. Logo de manhãzinha investia com o frio, leiteira na mão, a cantar o «lá em cima está o tiro-liro-liro»; o Luís acendia o fogão, o Rui ia ao padeiro e às nove horas estava o café na mesa.

MAIS actividades da semana foram o Natal nos Lázarus e a abertura do Lar do ex-Pupilo. O primeiro foi exactamente como nos anos atrás: colocar na mão de cada doente uma boroa do Natal, feita expressamente para aquele fim, fruta e uma palavra de conforto. A perseverança de certas famílias amigas tem sido posta à prova no decorrer dos anos, com máxima fidelidade. Lá estavam elas, este ano, munidas de cestos e cabazes, na pessoa de suas criadas. São almas a quem o Senhor dá gosto de fazer bem aos doentes.

OS rapazes do Lar entraram para ele na noite de trinta e um de Dezembro: o Alberto, o Nery, o Melo, o Pedrógão e o Mário. Este último será o cozinheiro da comunidade, sob os olhares da governanta. Para o jantar do dia primeiro do ano, houve quem me desse uma data de fruta e cinquenta escudos «em memória dos meus netos».

COM o princípio do ano, principia, em Coimbra, uma Obra social, a que Lisboa e Porto deviam responder. É tão fácil e tão doce fazer bem à juventude! Todo o meu empenho será colocar na mão dos rapazes o poder de conservar esta Obra, pela simples razão de que por ela e com ela podem fazer a muitos rapazes o bem que ali desfrutam. Quando chegar a hora da inauguração da Casa, eu hei-de vir a este mirante dizer-te o que pretendo.

Padre Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Fim da temporada de Festas

CHEGAMOS ao fim de mais uma temporada de Festas. Período de muito trabalho e enorme exigência e época de maravilhosas sementeiras.

O espectáculo põe nos olhos do coração de toda a gente a verdade que o Padre Américo anunciou e a tese que a Obra da Rua demonstra: *Não há rapazes maus.*

O mundo continua a não acreditar, levado por uma mentalidade cómoda de miserabilismo; prefere criar estruturas correspondentes não à necessidade da Criança da Rua ou do Pobre mas ao seu próprio acomodamento. Na sua experiência o Padre Américo rompeu com tudo. Criou uma Obra de Rapazes e não de estruturas, pois estas muitas vezes se voltam contra as Crianças da Rua, tirando-lhes o seu lugar na vida e gastando o dinheiro e os valores que deveriam ser seus. Foi naquele tempo!... — há mais de cinquenta anos!... — mas hoje, por todo o lado surgem inicia-

SETÚBAL

tivas, mesmo na Igreja, que ignoram completamente o ensaio das Casas do Gaiato tendo-o como ultrapassado.

A necessidade de fazer do palco um púlpito

A necessidade de fazer do palco um púlpito e dos argumentos teóricos uma prova prática, nunca foi tão urgente, como hoje.

Daf os rapazes terem-se demorado em apresentar ao público, não uma festinha de beneficência para arranjar «fundos» como se pensa nas hostes instaladas, mas uma representação deslumbrante que a todos surpreendeu.

Em Leiria, onde-estivemos na noite de 25 de Junho, o espanto provocado pela arte dos rapazes foi



BENGUELA

O povo continua em agonia!

QUEM acode? Senti-me, de novo, como alguém que se encontra numa encruzilhada, de surpresa, e recebe um choque profundo. Seguiu o caminho que me é habitual, à busca de ajuda alimentar para aqueles que decidi tomar ao meu cuidado, para não lhes faltar o pão de cada dia, ao menos para sobreviverem. Dei com um grupo de trabalhadores a comentar com muita tristeza o que acabara de suceder no dia anterior: uma coluna de camiões, carregados com cerca de 800 toneladas de mantimentos para a gente faminta do interior muito próximo, foi destruída, sem poder alcançar o seu destino. A poucas dezenas de quilómetros de Benguela.

Os gritos desse povo, mães e filhos, há muito tempo que se faziam ouvir, à espera de quem lhes matasse a fome, ao menos por mais algum tempo. Tudo em vão! As forças do mal, identificadas com a guerra que teima em destruir tudo o que pode ainda salvar o resto dum povo, continuam apostadas em manter a sua posição. O Povo continua em agonia!

O homem, quando deixa de ser conduzido pelo espírito, torna-se o pior dos animais. Não é a razão que o comanda. E é, exactamente, a razão que o distingue de todos os seres vivos. Os princípios de ordem ética e moral, sobre os quais assenta a dignidade dum povo, são menosprezados. O caminho da destruição e da morte toma o seu lugar. Que contradição! Por isso, quem acode?

Crianças indefesas

No meio turbilhão, quem mais sofre são as crianças indefesas, as mães que nada têm para lhes dar, tantas vezes já nem o próprio sangue, de tão esqueléticas que se apresentam. De vez em quando, os sinais de esperança da melhoria da situação trazem mais sossego, para, logo a seguir, tudo desabar, como edifício em ruínas. Os responsáveis pela guerra e pela paz vivem longe.

Tenho diante de mim uma pequenina revista que o Instituto Nacional da Criança me fez chegar às mãos. Logo no princípio diz, em título, que as crianças são as primeiras vítimas dos erros dos políticos. E vai descrevendo a situação, em termos de verdadeira catástrofe. A

taxa de mortalidade infantil ultrapassa as trezentos mortes por cada mil nados vivos. Mas a situação é ainda muito mais alarmante. As que morrem, antes dos cinco anos, não têm conta.

Quando se diz que o futuro de Angola está nas crianças, perguntamos: — Que futuro para esta querida nação? Não restam dúvidas de que há gerações perdidas. Minadas pela subnutrição e pelas doenças, onde está a capacidade intelectual, verdadeiro motor do progresso dum povo?

Quando os responsáveis por tantas desgraças dizem que estão a preparar um futuro risonho para os filhos de Angola, perguntamos: — É sobre as cinzas que se constrói o futuro da nação?

Não está tudo perdido

Então, está tudo perdido? Oh não! Há um pequenino «resto» que acredita e espera. Vamos investir nele todas as nossas energias. Agora, é o edifício escolar. Sabemos que são necessários muitos milhões. Vamos, contudo, saboreando a alegria de ver mais algumas centenas de filhos a sair dos túmulos que os esperam, se não lhes dermos a mão. Confiamos na poderosa corrente de solidariedade que há-de contagiar muita gente.

No meio de tudo isto, é a corrida ao lucro fácil a cegar os que ainda podem mas não querem ver. A mais terrível das cegueiras! Passei, há momentos, por uma loja, à busca de baterias para as nossas pernas que são o tractor e a carrinha. Falámos em preços mais acessíveis, mas a resposta pronta e «segura» não se fez esperar: — Que não! Quem comanda é o dólar e o dólar não dá descontos.

É, na verdade, um mundo cão, que há-de ser vencido! Não é segredo para ninguém que, em situações como esta, floresce o mais despuddorado desafio à miséria,

crescendo assustadoramente um pequeno grupo a quem nada falta, e definhando, em agonia lenta, o povo e seus filhos. A pouco e pouco, com uma fé grande em Deus que é Pai e não assiste passivamente a esta tragédia, agarrados ao trabalho onde havemos de colher o pão de base, caminhamos com os olhos postos no futuro das crianças que formos encontrando pelo caminho. Com elas e, por este método, estamos a construir a Angola nova.

Notas tingidas de sangue verdadeiro

Estas notas vão tingidas de sangue, o sangue verdadeiro, para que também tu que as leres, mais os teus filhos, dêem conta de que fazemos parte dum corpo social, disperso por todos os rincões da terra, a chamar pela participação activa na cura dos males que afligem e querem destruir os membro mais débeis.

Se pudésseis presenciar a alegria das mães e dos filhos esfarrapados, ao serem cobertos com as roupas e as mantas que nos mandastes, haviéis de poupar muito mais em coisas inúteis e gastar muito mais no que é, de verdade, necessário à vida. É que este tempo é o Inverno para esta gente.

Esperamos dar notícias mais alegres

Aos que nos acompanham, dizemos que estamos bem com este povo! Esperamos dar notícias mais alegres. Choremos, entretanto, por não fazermos tanto quanto poderíamos fazer, a começar pela nossa vida, ainda tão cheia de egoísmo e de insatisfação por causa do vazio que teima em instalar-se nela.

Padre Manuel António

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm. fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752265 — FAX 753799 — Cont. 500768090 — Reg. D. G. C. S. 100394 — Depósito Legal 1239

Padre Acillo

Tiragem média, por edição, no mês de Junho: 73.650 exemplares